

## **Realidade operária em dois tempos: imagens de fábricas no cinema brasileiro<sup>1</sup>**

Maurício VASSALI<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS

### **RESUMO**

Neste trabalho, apresentamos os resultados parciais de um estudo ainda em desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa que se debruça sobre imagens do operário no cinema brasileiro. Mais precisamente, em filmes produzidos entre 1978-1983 e 2015-2020. São momentos em que os cenários são distintos para os trabalhadores brasileiros. No que se coloca mais ao passado, trata-se de um período em que o país se encontra ainda sob o regime militar, momento em que manifestações da classe trabalhadora mobilizaram grandes greves, entre as quais as mais conhecidas são aquelas do ABC Paulista. No que se coloca mais próximo do presente, a realidade é a de um trabalhador mais individualizado, em modalidades informais de emprego que se acentuaram ainda mais após a reforma trabalhista de 2017. O cinema brasileiro nestes mesmos períodos concentra uma grande produção de obras nas quais o operário se encontra em posição de protagonismo, seja em filmes documentais, seja em filmes de ficção. O trabalho, assim, objetiva localizar e compreender tendências entre as imagens do operário no cinema brasileiro, pontuando como tais visualidades sobrevivem entre os dois tempos estudados na pesquisa a partir de diferenças e repetições. Delas, percebem-se as atualizações das imagens do operário no cinema brasileiro. Para tanto, a pesquisa recorta imagens de dezesseis filmes brasileiros protagonizados por operários nos dois momentos antes mencionados, entre curtas e longas-metragens, ficções e documentários. A partir das imagens recortadas, confeccionaram-se novas montagens, agrupando recortes de diferentes filmes que se aproximavam por afinidades temáticas e de fórmulas. Estas mesmas montagens respeitam os dois tempos históricos trabalhados na pesquisa a partir de uma coexistência. Assim, da mesma forma que se conectam pela semelhança, as imagens entram em choque temporal, o que faz com que algo “novo” surja a partir daí. O conceito de imagem dialética, elaborado por Walter Benjamin (2009), sustenta o método

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na **DT 04 – Comunicação Audiovisual** do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Doutorando no PPG em Comunicação Social da PUCRS; e-mail: mauriciovassali@gmail.com

de montagem de sobrevivências (Didi-Huberman, 2010) que, reunidas e ao mesmo tempo em choque, abrem e cristalizam o tempo em suas durações (Bergson, 2006, 2010; Deleuze, 2012, 2018), permitindo assim o “clarão” sobre o qual elabora Benjamin. Aos se repetirem, os fatos, gestos, elementos e espaços presentes nas imagens, por sua recorrência, foram agrupados e organizados em categorias como, por exemplo, o acidente de trabalho, os espaços fabris e os confrontos. A partir da afinidade entre as categorias, foram organizados eixos de sobrevivências que, em seu anacronismo, compreendem a potência do que se conserva e do que se atualiza nas imagens. Neste presente recorte, colocamos nossa atenção especificamente sobre as imagens que registram as fábricas, espaço de trabalho mais recorrente nos filmes que compõem a pesquisa. Frames de diferentes filmes deram origem a duas montagens, uma delas com registros externos das fábricas, outra em seus interiores. A partir delas, algumas observações foram possíveis. Boa parte das imagens de externas apresentam as fábricas em quadros abertos, emoldurando a grandiosidade de suas concretudes sem que o elemento humano apareça nestas. Os trabalhadores geralmente só aparecem em quadros próximos ao portão das fábricas, espaço no qual adentram ou são liberados de seu expediente. Algumas reflexões levantadas por Harun Farocki ao narrar o seu “A saída dos operários da fábrica” (1995) nos permitem entender o portão como um símbolo. Ou melhor, como um interruptor. É ao passar por ele, ao entrar, que as imagens apresentam os sujeitos como operários. É, portanto, nesse local de passagem que alguns dos filmes conseguem registrar a concretude da fábrica e a presença do humano a um só tempo. Nas imagens externas, assim, é como se o portão tivesse o poder de definir o operário. E também as narrativas, já que, conforme Farocki, a maior parte dos filmes começaria justamente quando o tempo do expediente chega ao final. Também reunidas, grande parte das imagens que registram o interior das fábricas buscam a amplitude do chão de fábrica, em planos abertos e, às vezes, em ângulos altos. É como se tais escolhas imprimissem certa inspeção, um olhar sobre o todo que a própria arquitetura possibilita a qualquer um que se coloque em um nível superior ao dos trabalhadores e das máquinas. A amplitude espacial de tais planos sugere a sujeição dos operários da qual elabora Michel Foucault (1987) sobre os espaços fabris, que operam seguindo o esquema do panoptismo. Isso porque o sujeito que está submetido a um grande campo de visibilidade acaba por retomar, sobre si próprio, as limitações de poder, dado que tem consciência de estar sendo vigiado. Como as próprias imagens mostram, tal

vigilância opera em favor de uma disciplina comportamental e de produtividade. Em seu ensaio que reflete sobre a disciplina no modo de produção capitalista, Meneghetti e Sampaio (2016) observam que os dispositivos disciplinares atuam no sentido de evitar comportamentos desviantes à norma. Assim sendo, não se colocam como um remédio a ser aplicado após qualquer conduta desviante, mas como um antídoto que a impossibilite. No caso das fábricas, tais dispositivos visam fabricar operários produtivos, que otimizem o tempo, obedeçam a regras, sejam bem treinados e colaborem ao máximo na obtenção de lucros. Ainda para os mesmos autores, no modo de produção capitalista a disciplina é a técnica que fabrica indivíduos-máquina. Há, contudo, que se pontuar certas diferenças entre tais imagens. Uma delas se coloca sobre o número de operários presentes nelas, sendo que aquelas pertencentes aos filmes realizados nos anos 1978-1983 mostram, em geral, um número bem maior de operários em atividade se comparado às imagens pertencentes aos filmes dos anos 2010. Tais imagens não apontam, contudo, a presença e a ausência de uma classe trabalhadora, senão sua transformação. Constatar a retração no número massivo de operários concentrado nas indústrias não é o mesmo que defender o seu fim, mas perceber as metamorfoses por qual passa o próprio mundo do trabalho e, conseqüentemente, os trabalhadores. Se configuram, portanto, como imagens atualizadas do mundo do trabalho operário que apreendem uma realidade de contradições. Como coloca o sociólogo Alan Bihr, ao prefácio de “Adeus ao trabalho?” (2015), há um processo simultâneo de desproletarização do trabalho industrial e da retração da classe operária tradicional, bem como uma crescente subproletarização do trabalho fabril, com o desenvolvimento da subcontratação, da precarização do trabalho e da informalidade. Ainda sobre as mesmas imagens, outras percepções são possíveis como, por exemplo, a de um olhar ambiental sobre os espaços fabris e suas extensões. A ideia de meio ambiente a que nos referimos não é isolada, mas sim integrada a um conceito de qualidade de vida. Em “ABC da Greve” (Leon Hirszman, 1979-1990), por exemplo, tomadas aéreas apresentam as grandiosas favelas que se formam e crescem em torno das grandes fábricas do ABC. Já a extensão da fábrica em “Arábia” (João Dumans e Affonso Uchoa, 2017) se dá pelo ar: a poluição produzida por ela se materializa na fuligem que se deposita sobre as janelas e é denunciada pela tosse insistente de um dos personagens. São filmes que percebem a fábrica ultrapassando seus limites concretos e denunciando, à sua maneira,

como a presença destes monumentos da produtividade afetam a vida de seus operários para além do trabalho braçal.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema brasileiro; operário; fábrica;

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015.

BENJAMIN, W. **Passagens.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BERGSON, H. **Duração e simultaneidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DELEUZE, G. **Bergsonismo.** São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cinema 2 – A imagem-tempo.** São Paulo: Editora 34, 2018

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

MENEGHETTI, G.; SAMPAIO, S. S. A disciplina como elemento constitutivo do modo de produção capitalista. **Revista Katálysis** v. 19, n.1, p. 135-142, 2016.